História de uma futura escritora

Por Juliana Fernandes Gontijo

- Pai, um dia eu quero escrever igual você escreve!
- Sério, Mariana?
- Sim, quero contar que eu vi uma borboleta pousada na folha da couve, fazendo um monte de cocozinho...
- Mas uma borboleta fazendo cocô? Não seria botando os ovinhos dela? É menos feio, né?
- Não, pai! Você fala que a gente tem que guardar na cabeça aquela coisa que a gente acha bonita para escrever depois, não é?
- Mas filha, cocô de borboleta?
- Não sei, pai... Eu vou ter que ir no quintal para ver de novo! Se as bolinhas não estiverem do mesmo jeito, deve ser ovinho mesmo... Eu vi no domingo, estava quase escurecendo e hoje é terça.
- Então vai... Eu acho que são ovinhos! Eles vão crescendo e as lagartas vão acabar com os pés de couve da sua mãe... Por que você não falou antes? Vamos ter que jogar remédio. As futuras lagartas vão comer a horta toda.
- Mas e as borboletas? Elas são tão lindas!
- A horta vai acabar, filha. E você gosta de comer couve, não gosta? Então, amanhã, vou tirar as folhas que têm os ovos e bater remédio!
- Não pai! Eles vão virar lindas borboletas, eu tenho certeza!
- Filha, sua mãe não vai gostar!
- Mudei de ideia. Quero contar a história do Pigmaleão que o Arthur levou na escola.
- Pigmaleão?
- O jabuti dele!
- Seu amigo levou um jabuti para a escola? Como eram as perninhas dele?
- Não é perna, pai! É pata! Ih... Será que é pata mesmo? Ou nadadeiras? Ah, não lembro. Vou ter que perguntar para o Arthur. Eu posso mandar um zap para ele?
- Filha, você nem tem celular!...
- Mas pai...
- A perna era redondinha ou parecida com a nadadeira da baleia? Se for nadadeira, é tartaruga.
- Mas baleia não é mamífero?
- Depois vou te mostrar uma nadadeira de baleia na internet e vai me entender o que estou dizendo.
- Acredita que o Pigmaleão usava uma camisetinha?
- Um jabuti com camiseta?
- Sim, pai, era do São Paulo. O Arthur ama futebol. Ele disse que o jabuti estava sentindo frio, então...
- Um jabuti com a camisa do São Paulo... Essa foi boa!
- Para de rir, pai! O jabuti é dele. Acho que se o jabuti fosse seu, seria uma camisetinha do Corinthians.
- Bem, cada um coloca a roupa que gosta no seu pet, não é verdade?
- Humm... A borboleta ou jabuti? Preciso pensar...
- Quer uma dica? Escreva sobre o Bilu... Você adora brincar com ele.
- Mas o Bilu só gosta de latir, abocanhar a minha almofadinha de passarinho e jogar ela pra cima... Qual é a graça nisso?
- E quando você chorou, porque ele fugiu de casa? Ficamos quatro dias procurando o Bilu e você nem dormia. O tempo todo gritava: “Bilu, cadê você?” E ele estava no quintal do Renato, aqui do lado.

- Eu não lembro disso, pai. Eu esqueci! Eu não gosto de lembrar de quando o Bilu fugiu!
- Foi ano passado, Mariana.
- Não quero, pai! Do Bilu, não!
- E o Oscar? Fala sobre ele...
- Nun-ca! Eu fiquei muito mais triste quando ele pulou do aquário e Bilu achou que era comida!
- Calma, filha. Não precisa gritar... Então tá, preciso terminar o meu livro aqui. A editora está pedindo os rascunhos do último capítulo!
- Pai, vamo lá vê os cocozinhos na folha da couve?
- Ô filha, agora não dá...
- Mas e se a borboleta não fez foi cocozinho?... Êba! Acho que tenho uma ótima história!
- Ô Mariana, depois papai vai com você, tá bom?
- Ah não, pai... E a folha de couve? E se realmente forem ovinhos? Eu vou ficar todo dia lá perto só pra ver como nascem as borboletas. Deve ser muito lindo... Aí sim, eu vou ter uma história de verdade! Ih... Mas primeiro são as lagartas, né?
- Amanhã! Amanhã, vemos isso, filha... Deixa eu terminar o meu trabalho?
A menina resolveu deixar o pai "em paz" e continuou matutando as suas ideias:
"São ovinhos, mesmo tenho certeza! Eles não eram pretinhos igual a um cocozinho de lagarta. Papai não vai jogar remédio! Eu quero ver as lagartas virarem borboletas, daquelas lindas. Vou pegar aquela folha e esconder. Se forem ovos, eles não demoram muito para estourar. Eduarda ensinou isso na aula de ciências, a palavra certe é eclodir. Vou arrumar um pote... Já sei! O aquário que foi do Oscar, aí eu tampo com uma telinha de mata-mosquito da mamãe! Ponho a folha lá dentro e vou alimentando as largatinhas com outras folhas de couve. Papai não vai poder falar nada! Couve eu sei que elas comem, pois a borboleta-mãe pousou lá... Eu vi!"
No outro dia, pela manhã, Mariana levantou bem cedo e foi ao quintal "vistoriar" a folha de couve. E tomou um susto. Já não eram mais bolinhas e sim 11 largatinhas que comeram quase um terço da folha.
- Ma-ri-a-na, o que você está fazendo aí?!
- Pai?! – Disse a menina tremendo. Eu ia pe...
- Pegar a folha de couve, né? E fazer o quê com isso, menina?
- Elas vão virar borboleta, porque eu vou dar comida pra elas. A Eduarda ensinou na escola como se faz. E eu vou contar tudo no meu livro, quando eu crescer!
Alessandro não teve alternativa a não ser deixar a filha fazer a experiência com as lagartas. Ele resolveu entrar na brincadeira, temendo que a menina de 7 anos se machucasse com os bichos. Eles fizeram como Eduarda ensinou: Pegaram o ex-aquário do Oscar, colocaram com um pauzinho as 11 lagartinhas lá dentro, tamparam com a telinha e foram alimentando a "turma". Deixaram em um canto no quintal, onde tinha algumas por algumas horas, e todos os dias ficaram de olho na cria das "bonitinhas" como dizia Mariana. Elas foram crescendo bastante. Elas chegaram a 4 ou 5 centímetros cada uma. Durante todo o tempo, foram umas dez folhas de couve que Alessandro comprou na feira para não estragar a horta da esposa, Adriana.
Numa tarde, o pai de Mariana se surpreendeu com uma espécie de líquido transparente que algumas delas começaram a soltar:
- Corre aqui, filha. Venha depressa. Acho que...
- O que é pai? Ah... Isso é para formar o casulo, que se chama crisálida! Nome bonito, né? Que demais! A minha história vai ser sensacional! Nós somos criadores de borboletas! E as lagartas vão ficar quietinhas dentro do casulo até virarem lindas borboletas! Olha que show?!
- Você sabe quantos dias filha?
- Paciência, pai, paciência. A Eduarda falou que é assim mesmo. Eu quero filmar isso pai, levar para escola. Cada uma vai ter um nome...
- Ai, filha. Pelo amor de Deus...

- Me deixa pai... Elas vão pousar em todas as flores do jardim e do quintal. Vai ser muito lindo, não vai?
Mais uns 18 dias se passaram e as borboletas começaram uma a uma a saírem dos casulos. Filha e pai estavam em festa. A menina dava pulos de alegria quando as borboletas começavam a voar dentro do aquário. Em casa, só se falava na experiência das borboletas. Na escola, o assunto era o mesmo. Pigmaleão foi “deixado” de lado. Os colegas só queriam saber da criação das “bonitinhas” de Mariana.
Durante 3 dias, as borboletas foram se libertando de seus casulos. Quando a filha de Alessandro abria a janela do seu quarto pela manhã, uma borboleta pousava na janela. Parecia que estava ali para agradecer pelo ciclo de vida completo da natureza.
A menina foi reconhecida na escola pela experiência de metamorfose das borboletas. Os colegas queriam ir à sua casa para ver como foi a criação. Os vídeos não eram suficientes.
Na aula de ciências, Eduarda pediu que todas as crianças escrevessem uma história sobre algum animal e, claro, Mariana escreveu sobre “suas bonitinhas” borboletas. Entregou o texto à professora:
- Essa é a primeira história do meu livro, Eduarda. Quando eu crescer, quero ser escritora igual a meu pai. E você vai comprar um livro meu, não vai?